

**ENFIM
FOMOS
FELIZES**

COLEÇÃO NARRATIVAS DE FÉ

- *A força de sermos melhores – Tratado sobre as virtudes cardeais*
Vito Mancuso
- *Enfim fomos felizes*, Irene Salvatori

Irene Salvatori

**ENFIM
FOMOS
FELIZES**

Tradução:
Andreia Simone Schweitzer



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

© 2019 Bollati Boringhieri editore, Torino
Non è vero che non siamo stati felici

Questo libro è stato tradotto grazie ad un contributo alla traduzione assegnato dal Ministero degli Affari Esteri e della Cooperazione Internazionale Italiano.

Obra traduzida com a contribuição do Ministério das Relações Exteriores e da Cooperação Internacional da Itália.

Direção editorial: *Pe. Sílvia Ribas, ssp*
Coordenação editorial: *Dílvia Ludvichak*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Produção editorial: *AGWM Produções Editoriais*
Tradução: *Andreia Simone Schweitzer*
Imagem da capa: *iStock*
Capa: *Gustavo Gomes*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Salvatori, Irene

Enfim fomos felizes / Irene Salvatori;
tradução de Andreia Simone Schweitzer. – São Paulo: Paulus, 2022.
(Coleção Narrativas de fé)

ISBN 978-65-5562-710-7

Título original: Non è vero che non siamo stati felici

1. Ficção cristã italiana 2. Espiritualidade I. Título
II. Schweitzer, Andreia Simone III. Série

22-4379

CDD 853

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção cristã italiana



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televidas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

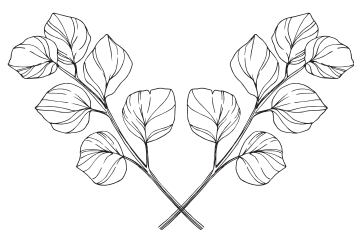
1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-710-7

A von Gábor



“ Os mortos podem nos responder apenas em nossas próprias palavras. Você pode imaginar? Claro, você não pode imaginar. Seu silêncio sai de dentro de mim e se encontra do lado de fora.”

Emily Berry, *Stranger, baby*

“ Eles não pensam o que nós não pensamos por eles, então eles pensam em nós com nossos pensamentos.”

Bronka Nowicka, *Nakarmić kamień*

“ Um dia de manhã, na primavera seguinte, peguei o The New York Times e pulei direto da primeira página para as palavras cruzadas. Aquele modo de começar o dia tinha se tornado um padrão durante aqueles meses todos. Foi a maneira que encontrei de ler, ou melhor, de não ler, o jornal. Antes, eu nunca tinha tido paciência de fazer palavras cruzadas, mas agora achava que aquele exercício iria me incentivar no retorno às atividades cognitivas construtivas da vida. A linha que mais me chamou a atenção foi a 6 vertical: “Às vezes me sinto uma...”, eu imediatamente saquei a resposta óbvia, uma bem grande, que preencheria muitos espaços e que comprovaria a minha competência para enfrentar o dia: “uma criança sem mãe”. Uma criança sem mãe passa por momentos muito difíceis. Não. A 6 vertical tinha só cinco letras. Abandonei as palavras cruzadas (a impaciência veio rápido) e no dia seguinte fui olhar a resposta. A resposta correta para a 6 vertical era “louca”. Louca? Às vezes me sinto uma louca? A que distância eu estava do mundo das reações normais?”

Joan Didion, *O ano do pensamento mágico*



*N*ão é verdade que não fomos felizes. / Você foi sempre / que olhava fixamente, determinado / a negar ou a aprender. Toda vez que precisei de você, repeti essa frase para mim mesma. Você tinha emoldurado o poema, estava na sua mesinha de cabeceira, mas eu o peguei e o levei comigo, para todos os lugares. Seu Fortini viajou comigo, de casa em casa, e ainda o repito para mim mesma, agora, depois de todos esses anos. Repito-o aqui, no lago Grunewald, mamãe. Mamãe. Talvez você não ouça essa palavra há algum tempo, quem sabe o efeito que ela tem sobre você. Quem sabe se é como, depois de adultos, voltamos aos corredores da nossa antiga escola fundamental e as carteiras são pequenas e tudo é diferente e nos sentimos grandes demais, enormes. O lago, por outro lado, não tem medo da passagem do tempo, nem do que cresce ou muda, toda manhã parece novo. Olho para a água que espera o sol. Ela realmente o espera, porque, quando ele chega e se abre majestosamente acima dela, ela o acolhe, se derrama, fica feliz, com a mesma felicidade que sinto quando, ainda que eu espere, acontece alguma coisa e me surpreende e a alegria agita-se dentro de mim, faz bolhas, sobe até a minha boca e abre meu rosto, porque sorrio com um sorriso que é quase inevitável. Como na escola, nas poucas vezes em que tirei uma nota boa e, ao me entregarem a prova, aquela nota se tornava real em minhas mãos, assim a água faz com o sol. Eu vim para cá porque estou procurando uma chave, é sempre bom permitir-se observar a água que se retrai, se expõe, mas agora eu preciso muito dessa chave e entre os muitos lugares eu disse a mim mesma que talvez pudesse encontrá-la aqui. Ando em volta do lago, tento mover a areia com a ponta dos sapatos, nessas enseadas de praia onde a água está à sombra, se espalha no chão e fica mais ou menos parada. Ao longo desse quadro há pontos onde o caminho termina no bosque, afasta-se da margem, porque há lugares onde os pássaros descansam nos juncos, e me conduz por cem metros sob as bétulas, entre os carvalhos, até que o

bosque diminui, depois desço e volto para a água, onde se formam as praias. As árvores ajudam a manter a calma. Elas são firmes, são capazes de superar casas e prédios em altura. Com as árvores o tempo não brinca, nem as árvores esperam o sol, para elas, se há sol ou neve, não faz diferença. Gosto de passar por baixo delas, sinto sua calma se instalar em mim, vindo de cima. Também sinto alguma coisa que vem da água do lago, água doce não cria ondas, posso até sentar na margem por muito tempo e ficar em silêncio, ou conversar com você. O único risco é o de o lago encher, quando chove muito acontece e as praias podem até desaparecer, a água se alarga, aumenta e chega aonde pode, mas nesse período raramente chove, no máximo pode nevar, mas não parece que isso vá acontecer agora. Procuro a chave para entender quem eu sou, mamãe. A chave que me ajude a seguir em frente de uma vez por todas, sem errar o caminho, simplesmente em frente e na direção certa. Este lugar é bom porque estou sozinha e tenho tempo para repassar em silêncio o que aconteceu, como cheguei até aqui. Para lidar com o que tenho no bolso, para saber aonde ir. Cada vida parece ter apenas uma direção e eu errei a minha. Peguei a estrada errada várias vezes, até que o bosque ficou muito denso ao meu redor e eu tive de parar. Eu estava lá dentro, tentava permanecer apesar dos arbustos, dos espinhos, no entanto tentava ficar, continuar, mas não seguia adiante e no final teria de sair, mas em vez disso fugia, caía, me recuperava e quando me levantava era ceifada, cortada, e assim no final voltei atrás. O caminho que eu tentava seguir sumiu, a certa altura me distraí, achei que sabia me orientar, me afastei e quando voltei não o encontrei mais. Agora não posso pedir ajuda. Não posso, porque estou além de qualquer prazo. Estou atrasada, todos ao meu redor usaram essa chave para se entender há tantos anos que já a esqueceram, perderam-na e não posso me misturar a eles, seria como passear em um supermercado e perguntar às pessoas nos corredores o que devo



comprar. Diga-me, por favor, diga-me o que eu preciso. Não, essas coisas não se podem pedir, é preciso encher o carrinho de compras sozinha. Houve um tempo em que talvez isso pudesse ser feito, mas, em comparação com a minha vida atual, esse tempo é como as pirâmides, os dinossauros. Nem sei se perdi aquela chave, se já a tive nas mãos ou se ainda não a encontrei. Eu poderia perguntar como ela é, mas ninguém se lembra; não se guardam as chaves, não as que são necessárias apenas uma vez. Seria como perguntar qual era a cor da sua primeira escova de dentes, quem vai saber. Então aqui estou eu, sentada, não há ninguém, alguém está levando o cachorro para passear, não preciso rir nem falar, e, depois, tenho uma coisa muito importante para fazer, estou ocupada, estou sentada neste tronco, cravei meu olhar em algum lugar à frente e estou usando todas as minhas forças para manter a calma. Calma. Às vezes a gente esquece, sabe, mas manter a calma é o ponto de partida de tudo. Você me dizia antes de qualquer coisa importante: Fique calma. Muitos anos se passaram, mamãe, foi difícil, mas também aprendi a fazer muitas coisas. Algumas são pequenas, mas é daí que se começa. Por exemplo, sei que caminhar até aqui sem me perder levou tempo, tenho de seguir dando um passo depois do outro sem me distrair e tenho de respirar lentamente. Também aprendi a me vestir da maneira certa, sem esquecer o lenço ou o chapéu quando está muito frio, porque senão na metade do lago eu talvez tivesse de voltar, de vez em quando acontecia de estar realmente muito frio e então para me aquecer eu acelerava o passo, mas então arriscava me perder e então, quando nem a respiração que se acelerava na minha garganta me aquecia, tinha de voltar sem terminar o passeio. Aprendi também a escolher os calçados certos, os que são bons para caminhar sobre a lama, porque aqui no lago há uma longa passarela de madeira e muitas vezes enche de lama quando chove ou quando está muito úmido, e se caminho por ali de tênis, por exemplo, a lama agarra no solado de borracha,

gruda e o transforma em ventosas que me fazem caminhar com desentupidores em vez de pés. O frio, a lama, tentei aprender a prever essas coisas, para ter certeza de que o acaso não me surpreenderá quando for tarde demais, porque se acontecer ele ganha. Aprendi a vir aqui sozinha, nem sei bem quando cheguei, sei que em algum momento também encontrei aquela chave ali, aquela que me fez entender que estava tudo bem. Não havia problema em permitir-me isso. Até então, eu me sentia culpada por estar sozinha, sabe. Culpada, fora de lugar, errada. Tudo o que eu fazia tinha sentido se o fizesse por alguém. Acompanhar, vestir, explicar, ler, cozinhar. Cozinhar. Como é que você, mamãe, cozinha só para si? Não digo comer, que comer se come, basta ter fome, se faz em pé, correndo, mas cozinhar. Com todas as coisas a fazer, a família, a casa, o trabalho, ter tempo para cortar uma cebola e refogar com meia abobrinha. Nem mesmo as quantidades ajudam na solidão, uma abobrinha inteira é demais, mas, se metade é suficiente, o que faço com o resto? Coloco de volta na geladeira, como uma metáfora do desperdício, para vê-la envelhecer e amolecer sozinha na prateleira de vidro toda vez que abrir a porta, até ficar mofada? Se eu cozinha, cozinha para todo mundo, aliás, durante anos fiz isso justamente como um trabalho, cozinhei doze horas por dia, alimentei centenas de pessoas na hora do almoço, apaguei velas sobre milhares de bolos de aniversário que fazia e decorava para os outros, clientes, pessoas que não conhecia e que ainda assim enchiam a boca e comiam meus bolos. Chegar ao lago era um passeio em família, crianças, cachorros, amigos. Há amigos, vamos ao lago. E aí, lentamente, nesse viver por fora, sequei por dentro. Não como a abobrinha que mofa, mas como certas abobrinhas que por fora ficam mais ou menos iguais, mas por dentro secam e, se as tocamos, estão vazias. Eu cresci torta ao longo desses anos, porque crescer se cresce, se envelhece, se vai adiante. O tempo não esperou que eu ficasse pronta, apenas continuou acrescentando os anos,



jogando-os aos punhados em cima de mim como se faz com sementes de grama na terra. E eles, os anos, cresciam, como ervas daninhas, mas cresciam. Tentei sobreviver aprendendo coisas que não sabia, talvez se tiver sorte também encontre essa chave, na verdade agora só falta ela para seguir adiante. Esses anos sem você foram uma jornada obstinada dentro daquele bosque, até que eu saí, mas porque alguém me ajudou, caso contrário nunca teria encontrado forças para escrever para você como estou fazendo agora. Assim, sabendo que falar com você ainda é a necessidade mais incômoda com a qual convivo, mesmo que você não me ouça, mesmo que você não esteja aqui. Em vez disso, consigo fazê-lo porque fiz a travessia do oceano dentro de mim a bordo do Nautilus. Sim, mamãe, um submarino, e também havia um capitão da marinha no leme, daqueles verdadeiros, porque não, não é uma viagem que se faz sozinho. Era um capitão, sim, ele tinha uma jaqueta com insígnias e botões dourados. Nemo, ele mesmo, com barba e telescópio de latão. Ele me pegou um dia em que eu estava caída ofegante no chão, me achou quando eu fugia daquele bosque, mas não respirava, e veio em minha direção, me estendeu a mão: Venha, disse ele, tomando para si aquela confiança que qualquer doente coloca num médico apenas ao ver o algodão branco do jaleco. Diga-me, e eu lhe expliquei como me perdi, que tipo de animal eu era, como havia perdido o fôlego, onde parecia tê-lo perdido e de onde eu vinha. Ele disse, então: Vamos. E do pronto-socorro chegamos ao porto, onde embarcamos. Depois do bosque. Eu nem percebi o trajeto, senti como quando eu era pequena, paralisada no hospital e sufocando por causa da Guillain-Barré e só podia confiar. Percebi que estava dentro de um submarino quando consegui me levantar e Nemo me ajudou a chegar mais perto das vigias, então vi que havia água lá fora. Ele me fazia falar, me pedia para explicar o que via, porque dentro daquele submarino estávamos navegando por um oceano que era eu. No fundo daquele mar, além das

vigias, os fragmentos do meu passado flutuavam e subimos pelo meu intestino observando as paredes, contornamos meus outros órgãos. Íamos para a frente e para trás, eu apontava algo e ele perguntava por quê. Uma longa volta para trás por dentro, um pouco como aquela última olhada que você dá em casa, antes de sair por um longo tempo e fechar todas as janelas, verificar os botões do gás, o aquecedor e deixar a geladeira desligada e aberta. Prever, novamente. Porque um dia você vai voltar e, se a casa estiver em ordem, a vida pode simplesmente recomeçar, sem que o tempo tenha se mudado para aquela casa em seu lugar. Nemo me levou de volta, olhávamos os objetos que se viam além das vigias, as pessoas que por acaso estavam ali, os bairros da cidade que ele não conhecia e que eu tinha de lhe apresentar. Fomos em busca dos momentos de apneia, aqueles em que minha respiração parava, os momentos de perigo que me deixavam ofegante, que me reaproximavam do momento em que ele me encontrou, quando ele me acolheu, perdida, fora daquele bosque. Fizemos uma longa viagem, demos tantos pequenos passos juntos que, depois, quando os consegui reordenar, inspirei um fluxo de oxigênio e, aos poucos, parei de não respirar. De vez em quando ele me deixava sair do Nautilus, sempre no barco lá fora, sempre no meio daquele oceano, mas não debaixo d'água. De vez em quando, me mandava ver se o sol estava brilhando, ele me dizia: Vá em frente, tente. Ele me fazia tentar respirar e segurava firme aquela correntinha entre os dedos, olhava para o céu, mesmo que por pouco tempo, porque durante anos tive medo do espaço, do silêncio. Ainda hoje o silêncio me dá medo, porque lá dentro eu procuro por você hoje assim como a procurava então e, naquela terrível certeza de não a encontrar, vinha a falta de ar e eu ficava sem fôlego, sentia a última respiração percorrer minha garganta e desaparecer. Como os atores que desaparecem nos bastidores depois dos aplausos, eu ficava sem oxigênio na garganta e entrava em apneia. Nemo era um



fisioterapeuta respiratório. Entrar no submarino foi como fazer a traqueostomia novamente, lá dentro eu parei de engasgar porque então minha garganta respirava por mim, presa a uma máquina. Toda vez que eu descia a escada do Nautilus, Nemo passava meu cartão de saúde na maquininha e prendia o respirador na minha garganta, como se veste o maiô e a touca quando se vai à piscina, porque assim eu podia chegar mais perto dos momentos complicados, podia acompanhá-lo por aquelas partes de mim que sem a máquina eu sufocaria instantaneamente. Os bosques escuros, as árvores malvadas que assobiavam, o silêncio que evitava há anos, eu me afastava assim que o volume diminuía, como uma gata assustada, só que no salto que dava para escapar, frequentemente acabava atropelada ou enjaulada, isso quando não arriscava me afogar ou terminava grávida, e do mesmo jeito me machucava. E assim se passaram esses anos com Nemo, voltando a esses momentos e observando o medo derreter, até desaparecer. Como arqueólogos, com pincel na mão, cavamos o calcário da dor das paredes dos órgãos, até que eles voltaram a funcionar eficientemente. O dia em que ele achou que eu podia respirar de novo: Mesmo na zona de perigo, senhora, ele tentou me separar da máquina por alguns segundos e, de fato, ele estava certo, eu estava respirando. Mas eu sabia que sabia respirar, eram os momentos críticos que me apertavam a garganta, era o seu silêncio. Era quando eu a esperava, quando às vezes eu fazia chá e preparava duas xícaras e dizia a mim mesma que você viria, mas não vinha. Nemo me ensinou a respirar naqueles momentos, a antevê-los, a sorrir deles e aos poucos fui conseguindo. Antes, eu ficava cinco, seis segundos desconectada da máquina olhando para o bule com as duas xícaras ou segurando um par de brincos seus entre os dedos, e respirava. Respirava, mesmo vendo você sorrir ao redor daqueles brincos que balançavam, brilhavam e agora, na minha mão, não o faziam mais. Funcionava, a garganta não fechava mais. Então